

*Consolidações e fragmentações territoriais na
Igreja Católica: a Renovação Carismática
Católica e as Comunidades Eclesiais de Base em
Rondônia*

*Territorial consolidations and fragmentations within the
Catholic Church: Catholic Charismatic Renewal and Basic
Ecclesial Communities in Rondonia*

*Consolidaciones y fragmentaciones territoriales en la Iglesia
Católica: la Renovación Carismática Católica y las
Comunidades Eclesiales de Base en Rondônia*

José Ricardo Teles Feitosa
Universidade Federal do Paraná
feitosaric@gmail.com

Antenor Alves SILVA
Universidade Federal do Paraná
antenor@email.com

Resumo

No seio da Igreja Católica, há inúmeras manifestações no tocante à espiritualidade, cada uma delas com suas características e sua identidade. Muitas dessas manifestações materializam-se em grupos compostos por religiosos e religiosas, numa mescla entre clero e leigos. Essas materializações de fé, doravante denominadas “movimentos”, têm um grande número de seguidores, que podem ser encontradas nas mais diversas comunidades católicas dispersas pelo mundo. Neste artigo, serão abordados conceitos e fenômenos sociais, por consequência, espaciais, relacionados à Renovação Carismática Católica (RCC) e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Sobre esse esteio, serão analisados os fatos que permitem inferir uma notável cisão territorial, dentro da Igreja Católica, especificamente será verificado o caso de Rondônia, entre ambas as correntes, por conta da linha ideológica assumida por cada um desses movimentos, assim como suas implicações no meio católico, relacionando e buscando compreender os componentes ideológicos, culturais e políticos que estão relacionados aos surgimentos desses movimentos.

Palavras-chave: Comunidades Eclesiais de Base. Renovação Carismática Católica. Rondônia. Território.

Abstract

Within the Catholic Church there are many expressions to refer to spirituality, and each one has its characteristics and identity. Many of these manifestations materialize in groups composed of a mix of religious men and women either being clergy or laity. These faith embodiments, called as “movements”, have a large number of followers, which can be found in most Catholic communities scattered around the world. In this article, it is discussed social concepts and phenomena, with a particular spatial approach, related to the Catholic Charismatic Renewal (CCR) and the Basic Ecclesial Communities (BEC). With this focus, it is analyzed the facts that allow to infer a noticeable territorial division within the Catholic Church, remarkably in the case of Rondonia state, concerning these two religious streams; a phenomenon being observed as the result of an ideological line taken by each of these movements, as well as the implications in the Catholic Church settings. The main research goal is to have an in-depth understanding and insights over the ideological, cultural and political components linked to the development of these two religious streams within the only Church.

Keywords: Basic Ecclesial Communities. Catholic Charismatic Renewal. Rondonia. Territory.

Resumen

En el seno de la Iglesia Católica, hay muchas manifestaciones con respecto a la espiritualidad, cada una con sus propias características y su identidad. Muchas de esas expresiones materializanse en los grupos de religiosos y religiosas, en una mezcla entre el clero y los laicos. Esas materializaciones de la fe, a partir de ahora denominadas “movimientos”, tienen un gran número de seguidores, que se pueden encontrar en diversas comunidades católicas esparcidas por el mundo. En este artículo, serán discutidos conceptos y fenómenos sociales, por lo tanto, espaciales, relacionados con la Renovación Carismática Católica (RCC) y las Comunidades Eclesiales de Base (CEB). Sobre ese pilar, serán analizados los hechos que permiten inferir una notable división territorial dentro de la Iglesia Católica, pormenorizadamente el caso de Rondônia, entre los dos corrientes, debido a la línea ideológica tomada por cada uno de estos movimientos, así como sus implicaciones en el medio católico, relacionando y en la búsqueda de las componentes ideológicas, culturales y políticas que están relacionadas con la aparición de esos movimientos.

Palabras clave: Comunidades Eclesiales de Base. Renovación Carismática Católica. Rondônia. Territorio.

Introdução

A Renovação Carismática Católica (RCC) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) tornaram-se, nas últimas décadas, duas das mais fortes (das já múltiplas) expressões de fé na Igreja Católica fazendo-se presentes tanto na atuação catequética (doutrinadora e, ao mesmo tempo, com o ensinamento voltado à vida secular) quanto no suprimento às necessidades imateriais e essencialmente subjetivas dos fiéis.

Preliminarmente, o que pode se dizer *a priori* acerca de alguma semelhança sobre o caráter político-territorial de ambas é que fazem parte de uma macroestratégia implementada, na atualidade, pela Igreja Católica para não continuar a perder adeptos – ou, ao menos, para desacelerar o ritmo dessa perda –,

além de tentar recuperar parte de sua influência perdida para outras igrejas, especialmente as “evangélicas” – não as distinguindo aqui por denominações, mas citando-as de uma maneira generalizante.

Contudo, para que a proposta deste artigo se torne compreensível, é necessário que sejam descritas, mesmo que sumariamente, as estruturas dos movimentos considerados para que seja possível relacionar suas ações espacialmente através das relações sociais que essas moldam, especificamente na realidade rondoniense. Tal esclarecimento se segue nos parágrafos subsequentes.

Quanto às principais diferenças entre as CEBs e a RCC, pode-se dizer sucintamente que as primeiras possuem um *modus operandi* voltado à práxis libertadora e à transformação social – questões indiscutivelmente materialistas e seculares. Em contraposição, verifica-se que as ações da RCC estão mais voltadas à espiritualidade, ao proselitismo e à aplicação das doutrinas bíblicas sob a orientação do sumo pontífice da Igreja Católica, o Papa.

As CEBs têm como fonte de sua espiritualidade a “teologia da libertação”, que se trata de uma corrente teológica, portanto ideológica, que engloba diversas teologias classificadas como cristãs e tem por premissa filosófica maior a opção pelos pobres e se colocar contra a pobreza e a exploração.

Essas práticas político-ideológico-religiosas foram largamente utilizadas e implementadas nos países subdesenvolvidos, inicialmente na América Latina, em especial a partir da década de 1970. Trata-se, nitidamente, da apropriação da ideologia de lutas de classes marxista pela Igreja Católica.

No momento atual, a teologia da libertação busca uma nova roupagem (CLAVAL, 1979, p. 41 e 42), uma “novidade” (o que já foi em si, outrora), pois já não possui o mesmo foco inicial, libertador, tampouco o mesmo fôlego ideológico. Isso se deu principalmente depois das duras críticas emitidas por João Paulo II (A PRIMEIRA ADVERTÊNCIA, 2009, p. __), em 31 de janeiro de 1979, aos seus precursores: “A teologia da libertação é uma teoria falsa, se começa a politizar a teologia, já não é mais teologia. Trata-se de uma doutrina social, um tipo de teologia, mas não de doutrina religiosa”.

Considerando que o regional seria um fractal do total, verifica-se que a mesma proposta teológica implementada por meio das CEBs não tem correspondido às expectativas no clero rondoniense, além de não ter fornecido as respostas necessárias às demandas sociais das classes menos abastadas e muito menos à Igreja Católica (OLIVEIRA, 2007, p. 22). Com muitas distorções, e emaranhada com ideologias políticas socialistas, tem se perdido a se afastado do seu carisma dentro da instituição.

Em outra situação, a RCC é um movimento católico que surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 60 do século XX. Sua proposta inicial se pautaria na condução a uma experiência pessoal com Deus através do Espírito

Santo – o que seria possível por meio dos seus dons (do grego, *χαρισμα*, graça, favor), daí a *raison d'être* do próprio movimento.

A construção desse movimento foi flagrantemente influenciada pelos movimentos semelhantes denominados “pentecostais”, cuja origem remete às inúmeras dissensões e fragmentações provenientes do meio religioso protestante. Dessa forma, é, até o presente, possível elencar semelhanças entre esses dois grupos em vários aspectos doutrinários considerados.

Transpondo para Rondônia, verifica-se que a RCC goza de uma dinâmica territorial própria. Tal afirmação pode ser aferida pela formação de sua base ministerial – formada por leigos. Embora reconhecida pelos bispos (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1995), a RCC tem galgado espaço no estado de Rondônia sem necessariamente contar com o apoio presencial do corpo clérigo.

Sob a óptica do grupo antagonístico (CEBs), que conta com um corpo clérigo, o movimento (RCC) não estaria correspondendo à própria proposta inicial, de conversão e avivamento da Igreja Católica, haja vista que, segundo o discurso de parte do clero consultado *in loco*, “não há um trabalho religioso concreto” por parte dos grupos de orações laicos. As atividades desses grupos, inclusive, se resumiriam às reuniões semanais e que não acontecem necessariamente na estrutura dos templos católicos. Dessa forma, portanto, haveria uma considerável incoerência entre discurso e prática.

Oficialmente, a Igreja Católica, em Rondônia, continua convicta da necessidade da práxis libertadora e do engajamento político – eis um aspecto verificado por Claval (CLAVAL, 1979, p. 53) – e social, numa busca de transformação da sociedade.

Nesse sentido, Possedônio (2008, p. 92) traça um paralelo da realidade regional aos ensinamentos bíblicos quando aplica a doutrina cebiliana às disposições espaciais amazônicas:

Na Amazônia, cenário de tantos contrastes, sofrimentos para os pobres, excluídos e “descartados” do mundo globalizado e sem alma, as pequenas comunidades eclesiais serão como o Bom Samaritano a debruçar-se sobre o caído, curar-lhe as feridas, devolver-lhe a dignidade de viver, na certeza de que ele nunca estará sozinho nas estradas desse mundo desigual, pois haverá uma comunidade em seu caminho, que fez a opção por Cristo em solidariedade com os pobres, para caminharem juntos rumo a um mundo mais fraterno, a utopia do Reino de Deus, reconstruindo a Amazônia como o lugar onde *Deus viu que tudo era bom* e que continua a ser este lugar acolhedor de tantos irmãos e irmãs que aqui chegam em busca de um lugar para viver com dignidade.

Até o presente, pode-se inferir que tal sobreposição de propostas sugere uma futura polarização ideológica podendo descaracterizar a atuação local, levando a uma quebra de dogmas e paradigmas em uma espécie de “efeito dominó” ao

contrário, construindo uma percepção que concebe uma distinção que divergiria mesmo dentro da realidade da instituição católica.

Fazendo as devidas conexões, verifica-se que essa possível concepção poderia, inclusive, gerar um cisma dentro da Igreja Católica, pois incitaria à intolerância religiosa-ideológica adotada por diversos grupos mesclados sob uma só doutrina primordial.

Sob tal dinâmica territorial, se dá uma notável divisão interna, uma fragmentação, entre os “carismáticos”. O mesmo acontece no clero e entre líderes das CEBs. A aparentemente desprezível expressão “sou carismático” pode dar indícios de um sentimento de externalidade à própria estrutura original católica.

Tal postura acabaria levando a outros segmentos católicos a julgarem a RCC como coisa separada, “um grupo isolado”, dos demais movimentos e segmentos que compõem as expressões de fé do catolicismo.

Assim, pode-se entender que ambas as correntes ideológicas citadas acabam por gerar relações sociais novas e, por consequência, produzirão uma nova dinâmica territorial, logo mudanças no espaço geográfico (CLAVAL, 2007, p. 153) por conta de uma dúvida, que é a materialização dos anseios dos fiéis: qual o melhor caminho a seguir dentro da realidade católica? Haveria maior legitimidade nas Comunidades Eclesiais de Base ou na Renovação Carismática Católica?

A Igreja Católica, diante de tal fenômeno no qual se buscam consolidações territoriais, logo espaciais, urge pela necessidade de seus movimentos e pastorais evangelizarem conforme as necessidades de onde estão inseridos (GRABAR *apud* GIL FILHO, 2008, p. 121). No caso de Rondônia, a RCC molda-se em um padrão nacional, com diretrizes definidas, desde o funcionamento das reuniões de oração, seminários e congressos, não contando com as peculiaridades amazônicas.

Ainda em Rondônia, é notado que as CEBs já se apresentam adaptadas ao contexto local, procurando trazer à tona as problemáticas regionais (POSSEDÔNIO, 2008, p. 84). Os problemas mais abordados são inerentemente territoriais: política, meio ambiente, urbanização e outros temas emergentes que sejam considerados relevantes no que se refere à qualidade de vida da população em Rondônia sob um viés político e ideológico.

Contudo, o insucesso da “caminhada libertadora” se dá por conta de dois fatores:

a) a constatação de um exponencial crescimento das denominações autodenominadas “evangélicas” (CENSO RELIGIOSO, 2000; CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS NO BRASIL, 2009);

b) a incapacidade de influenciar e alterar as estruturas de poder já constituídas no estado.

Com aparente trilha doutrinária bem definida, o clero parece não se dar conta da real necessidade espiritual do fiéis católicos no estado – o que soa como *um outro problema a ser analisado no futuro*.

As opções voltadas à evangelização e ao proselitismo adotadas pelo clero rondoniense, que se dá por meio de suas dioceses, não têm atendido às expectativas – o que sugere um redirecionamento dos fiéis às mais diversas instituições religiosas, especialmente as evangélicas (CENSO RELIGIOSO, 2000; CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS NO BRASIL, 2009).

Assim, nos tópicos que se seguem, pretende-se apontar quais elementos conjunturais desses dois movimentos católicos influenciam para os processos de consolidações e fragmentações territoriais dentro dessa notável estrutura político-religiosa na qual se constitui a Igreja Católica Apostólica Romana.

CEBs como “a opção” pastoral do clero em Rondônia?

As Comunidades Eclesiais de Base, como já explanado, têm sua doutrina pastoral à luz da teologia da libertação (EXORTAÇÃO APOSTÓLICA, 2008). Também posteriormente, há outros documentos da Igreja, nos quais se encontram referências a essa doutrina. Nessa busca pela práxis libertadora, a fé é pensada como fermento de transformação histórica, ou seja, como caridade social. Oliveira (2007, p. 21) corrobora esse entendimento a partir da seguinte explanação:

Podemos afirmar que a *afinidade eletiva* entre CEBs e transformação social reside na categoria de *libertação*, que é, ao mesmo tempo, uma categoria política e teológica. Na medida em que as CEBs – e a Igreja em seu conjunto, incluindo outras igrejas cristãs – incorporam essa categoria, a ação transformadora na sociedade adquire caráter pastoral, isto é, como ação própria da Igreja, e não uma atividade supletiva. Por isso, quando acontece de uma CEB participar de encontros intereclesiais, mas não incentiva seus animadores e membros para uma atitude social e política, tal fato e motivo de surpresa e indagação.

Nesses termos, essa facção da comunidade católica lida com a “libertação dos pobres e oprimidos” – há muita subjetividade e potencialidade nas ações, na práxis. Neste viés católico de libertação (LOWY, 2000, p. 57), é verificado constantemente duas de suas dimensões: a social e a política, além da exploração essa parte integrante da evangelização ou missão fim da Igreja Católica que é através do que se constatou nas Conclusões da IV Conferência de Santo Domingo (2006, p. 122): “fé do Deus de Jesus Cristo do amor aos irmãos têm de traduzir-se em obras concretas”.

A priori, sabe-se que a composição das realidades vividas hoje em Rondônia coloca em xeque os fundamentos do movimento libertário, pois as CEBs no estado ainda não superaram o campo da teoria, das idéias. Desde os espaços sociais aos políticos e aos religiosos, as contribuições dadas pelas CEBs não

encontraram sustento, o que tem provocado um sentimento de frustração dos que dela participavam e dos que nela esperam.

Neste contexto, surgem algumas perguntas, que por hora permanecem sem resposta: a) Onde ocorreram as falhas? b) Será que tudo isso não se trata de utopia (tomando como referencial inabalável o pensamento socialista sob um viés marxista)? c) O que, enfim, faltou para a missão cristã para libertar o povo oprimido e dar melhores condições aos mais necessitados para se estabelecesse a práxis libertadora nas Comunidades Eclesiais de Base?

Um dos princípios da teologia da libertação parte do seguinte pressuposto: é possível anunciar “Deus-Pai” num mundo completamente desumano. Um dos aspectos da desumanidade é aquele que pode ser contemplado facilmente através de um simples olhar nos entornos e periferias de qualquer ajuntamento urbano ou rural: o sofrimento dos pobres – que, possuindo as condições ideais, também podem ser participantes para a construção de uma sociedade nova.

Sobre essa proposta, Boff (1982, p. 25), faz a seguinte consideração:

É aqui que se faz importante a verificação de como o povo faz a passagem do religioso ao político. Geralmente para ele as duas realidades vêm unidas. Começa pelo religioso. Ai ele se da conta das injustiças que são pecado que Deus não quer. Depois passa para a compreensão das estruturas reais que produzem as injustiças. Importa mudá-las para que não produzam mais o pecado social.

O desafio problematizado pela teologia da libertação se apresenta como um verdadeiro impasse, mesmo lançando mão de instrumentos que vão além da fé – o que é até lógico, pois se tratando de uma mescla de relações sociais com teologia e com a realidade política vigente, não é de se admirar que só a fé não resolva. A própria cultura mundializada de destruição, sob uma lógica capitalista, que se dá pela exploração dos recursos naturais, já se apresenta como um agravante a esse problema.

Em Rondônia, o processo de mundialização do capital é nítido através da implementação e expansão do agronegócio – aqui sejam consideradas especialmente a soja, agropecuária de corte, e as indústrias, mesmo que um tanto incipientes no momento –, além das suas repercussões culturais – destaque ao consumismo exacerbado e inconsequente.

Tal reflexão crítica, sobre como se dá a territorialidade dessas relações no estado de Rondônia, remete automaticamente à sua complexidade e à visão total e sistêmica dos fenômenos espaciais, onde a religiosidade e a fé a que lhe é atribuída podem servir como ferramentas para explicar fenômenos geográficos.

Não raras vezes a teologia da libertação propôs uma “leitura política” da Sagrada Escritura (ROSENDAHL, 2005, p. 220). Nesse tipo de leitura Jesus é

transformado numa espécie de símbolo das exigências de luta dos oprimidos e a sua morte é interpretada única e exclusivamente como um fato político.

Gutierrez *apud* SELL e BRÜSEKE (2006, p. 211), através de uma transposição ideológica à realidade latino-americana, explica que

Torna-se, com efeito, cada vez mais evidente que os povos latino-americanos não saíram de sua situação a não ser mediante uma transformação profunda, uma *revolução social* que mude radicalmente e qualitativamente as condições em que vivem atualmente. Os setores oprimidos no interior de cada país vão tomando consciência – lentamente, é verdade – de seus interesses de classe e do penoso caminho a percorrer até a quebra do atual estado de coisas, e – mais lentamente ainda – do que implica a construção de uma *nova sociedade*.

Essa leitura materialista da Bíblia designa-se a si própria e como “exegese libertadora e evangelização subversiva”. Assim, para Rubio (1983, p. 182), seguindo o raciocínio de Gutiérrez, a igreja será sinal de libertação e criadora de fraternidade se dessolidarizar-se do sistema, abandonando toda função legitimadora e denunciando as situações desumanizantes: “Denúncia que deve ser radical, não se limitando a uma sintomatologia periférica para não ser “domesticada” pelas tentativas puramente reformistas”. Claro que essa consideração refere-se à ação de determinados grupos dentro da realidade católica.

A Renovação carismática Católica: uma proposta? Uma interrogação? Uma resposta?

A Renovação Carismática Católica tem se tornado uma expressiva manifestação do sagrado dentro do catolicismo. Nesse espaço, tem emergido como uma nova tendência no jeito de ser igreja, que procura reviver as primeiras experiências da igreja cristã primitiva. Por conseguinte, não se pode negar que a RCC tenha se tornado em um celeiro de novos líderes e de rupturas com paradigmas – o que se supõe ser por conta da coordenação, do direcionamento, que se dá predominantemente por leigos.

Sousa (2005, p. 114) encaminha a uma compreensão sobre essas mudanças estruturais tanto dentro quanto fora da Igreja Católica:

O aparecimento da Renovação Carismática e sua ênfase nos nove dons efusos listados na carta de São Paulo aos coríntios, fizeram emergir uma prática de oposição, no sentido de que retiraram a atenção da intermediação sacramental. Embora valorize os sacramentos e o ministério ordenado, o movimento carismático propõe e incentiva o exercício de dons que tinham sido relegados ao segundo plano da prática religiosa católica e que não procedem necessariamente da figura do padre.

Tais mudanças, no tocante à relação direta com Deus, implicaram em conflitos internos dentro do catolicismo, que levaram a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) a produzir um documento para tentar amenizá-los (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1995).

Em Rondônia, a participação efetiva do clero junto ao movimento é praticamente inexistente. No estado, constrói-se uma política para não causar uma impressão de divisão perante a sociedade. Há, portanto, uma aceitação visível nas celebrações de missas, em congressos e em outros eventos, mas não se conta a presença dos sacerdotes nos grupos de orações e nas reuniões de lideranças em níveis paroquiais e diocesanos.

Até aqui não se pode negar qualquer grau de ruptura interna. Enfim, a impressão que se apresenta é que o movimento carismático caminha por conta própria e sem uma presença oficial da Igreja Católica, o que se dá, normalmente, através dos padres.

Embora os documentos oficiais da Igreja falem em diversidades de carismas (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1990) e que todos fazem parte do “Exército de Cristo” para salvar a humanidade, essa lógica é aparentemente pouco compreendida pelas lideranças do catolicismo em Rondônia, tanto no âmbito clerical como entre leigos. O ponto de conflito está no entendimento teológico (aqui também entenda-se político e social) da palavra “libertação”. A RCC não a entende da mesma forma que a CEBs.

Oliveira (2007, p. 20) comenta acerca do já consolidado antagonismo constatado até o momento:

Já na RCC a idéia de *libertação* é muito menos importante e ganhou um significado bem diferente, relacionado à *libertação* pessoal diante da drogas, da bebida, dos traumas psíquicos e outros males que afligem antes a pessoa individual do que um grupo ou classe social. Sua principal idéia-força reside na categoria de *santificação*, diretamente associada ao evento que marca a identidade carismática: *o batismo no Espírito*. Ele opera a conversão da pessoa, chamando-a para a santificação pessoal, o louvor, o abandono no Espírito, à aceitação a Igreja, sua doutrina e seus sacramentos.

As premissas exploradas por Oliveira são ratificáveis através do Plano de Ação Estadual da Renovação Carismática Católica em Rondônia (PLANO DE AÇÃO ESTADUAL DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DE RONDÔNIA, 2009):

A Renovação Carismática Católica (RCC) é antes de tudo um modo de se viver o segmento a Jesus Cristo na Igreja Católica Apostólica Romana sob uma chave de leitura teológica específica: o batismo no Espírito Santo, que é o fundamento de toda a sua espiritualidade.

Essa graça, também denominada de efusão do Espírito Santo, é entendida como um “despertamento” da consciência e da espiritualidade para a realidade do amor de Deus que, através de Jesus Cristo, torna o homem repleto do Espírito santificador: fonte pela qual somos capacitados a testemunhar com poder que Jesus vive é o Senhor e o único caminho para o Pai e Seu Reino.

O batismo no Espírito Santo é vivenciado como uma experiência profunda com a presença de Deus em nós. Essa experiência é repetível, mas também é passível de ser apontada como um acontecimento marcante, destacado de outros em nossa existência. Em outras palavras, é

possível se estabelecer um momento específico em que se tenha sido batizado no Espírito Santo.

Isto tende na seguinte implicação: em uma análise dessa proposta com a dinâmica das mudanças do espaço católico rondoniense. Primeiramente, no que se refere às lideranças e, secundariamente a busca por um retorno à vivência e ao modo de vida das comunidades cristãs após pentecostes.

No entendimento da CEBs e do clero que compõe esse movimento, em Rondônia, esta não é principal missão da Igreja na região. Tal ideologia implicaria em mudanças não somente no campo da individualidade, mas também no coletivo, ou seja, na área política e social, extrapolando as fronteiras da religião.

O Arcebispo de Porto Velho, Dom Moacir Grechi *apud* Cordeiro (2008, p. 6), deixa clara a missão das comunidades católicas no texto de apresentação do 12º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base. Segundo ele,

O que define a identidade e a missão do jeito CEBs de ser Igreja é o mistério de Cristo e as características que o senhor Jesus quis para a sua Igreja, “povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (AS n.1). As perspectivas evangelizadoras na Amazônia, de uma Igreja discípula da palavra, testemunha do diálogo, servidora e defensora da vida, irmã da Criação, continuam a ser fonte de inspiração. As CEBs, “célula inicial da estrutura eclesial” assumem ser discípulas, tornando-se parecidas com Jesus Cristo em sua vida, palavra e ação e assumindo a misericórdia e a compaixão de Cristo, em relação a todo ser vivo e à vida ameaçada, como princípio de toda ação evangelizadora; de acordo com a revelação Deus, a Igreja recebe do Criador e de Cristo, “primogênito de toda criatura”, a missão de ser, junto com toda a humanidade a ser irmã da criação.

Percebe-se, então, anseios diferentes por parte do público católico – o que pode ser visível claramente nas propostas do 12º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base e do plano de ação estadual da RCC. Por inferência lógica, constata-se que tais diferenças implicam principalmente no campo político. A RCC não assume, e não é característico de suas lideranças, um discurso voltado às questões sociais e humanitárias, e muito menos um posicionamento partidário.

Em contrapartida, nas CEBs, esse ponto fica evidente, pois parte das diretrizes do clero, que expõe em celebrações e em outros meios de se comunicar com o público católico, especialmente, sua ideologia *a priori* de “centro-esquerda”. Oliveira (2007, p. 17) traz à tona a questão – que só o tempo confirmará se, de fato, tratar-se-á de um questionamento legítimo ou não-legítimo:

Se agora olharmos para a realidade do Brasil e de países latino-americanos onde as CEBs se desenvolvem, veremos que, em geral, elas assumem com muito mais frequência uma postura de “centro esquerda” do que os grupos carismáticos. É evidente que há animadores e animadoras das CEBs que não são de “centro” nem de “esquerda”, da mesma maneira que há membros da RCC que o são. Mas não é esse o ponto, já que existe uma enormidade de fatores que pode favorecer ou não a adesão do católico a um ideário sóciopolítico de “esquerda” além do pertencimento das CEBs. O ponto é: Existe *afinidade eletiva* entre as

CEBs e um ideário de transformação social de “esquerda”? Se existe, onde reside tal afinidade? Ocorreria algo na RCC semelhante?

Dessa forma, esse é um outro aspecto a ser considerando no estudo das divergências entre as CEBs e a RCC em Rondônia, pois, para grande parte do clero, a RCC não corresponde aos projetos políticos da Igreja Católica elaborados para o estado, pois atua no campo da individualidade, além de, comunitariamente, não ter apresentado os frutos esperados para as realidades regionais.

A RCC, para justificar-se perante à Igreja Católica e seus fiéis, baseia-se nas orientações pastorais, que afirmam que a RCC é filha legítima da renovação eclesial proposta pelo Concílio Vaticano II (1961-1966), além de ter trazido um novo dinamismo e entusiasmo para a vida de muitos cristãos e comunidades (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1995).

Quanto o tratamento dispensado à RCC pelo Vaticano, verifica-se através da fala de João Paulo II *apud* Menghi (2009, p. 76):

Vocês pertencem a um movimento eclesial. A palavra eclesial implica numa tarefa precisa de formação cristã, envolvendo uma profunda convergência de fé e vida. A fé entusiástica que dá vida às suas comunidades deve ser acompanhada por uma formação cristã que seja abrangente e fiel ao ensinamento da Igreja.

O atrativo na RCC é justamente levar a uma tomada de consciência mais profunda e metafísica, o que afetaria definitivamente a experiência religiosa na vida da Igreja Católica, tendendo a reativar o modelo original das comunidades primitivas do cristianismo, de modo que a “luz da Igreja das origens” indique novamente o caminho das Igrejas de hoje.

Considerações Finais

Apercebendo-se sobremaneira acerca dos sinais de um retorno ao sagrado nas últimas décadas – em contraposição à era predominantemente iluminista –, é passível de estudos a compreensão desse fenômeno como sinais que identificam fome e sede de transcendência – o que possui como efeitos colaterais o surgimento das pseudo-religiões (ROSENDAHL, 2005, p. 197).

Diante de uma crise dos vários *ethos* das sociedades – o que inclui a religião cristã (GALBRAITH, 1984, p. 175) – e, conseqüentemente, das estruturas sociais relacionadas, como a família, por exemplo, não há como negar a existência do fenômeno da busca pela espiritualidade, que parece estar em voga. Há um grande rol de igrejas autodenominadas e aceitas como cristãs nessa saga espiritual que procuram, em geral, por respostas às crises existenciais por meio da interiorização.

Dentro da Igreja Católica, alguns grupos entendem que a busca pela espiritualidade está no exercício em busca da libertação social e nas políticas voltadas aos povos oprimidos. Outros grupos entendem que a libertação só se dá

individualmente, materializando-se nas curas, exorcismos, libertações e proselitismo.

Em vista desse retorno ao espiritual, não se deve negar também que, nas últimas décadas, houve um grande avanço na dimensão social da Igreja Católica. À luz do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica na América Latina, deu passos largos no sentido de um maior comprometimento com a causa dos pobres e marginalizados.

As conferências de *Medellín*, de *Puebla* e de *Santo Domingo*, por exemplo, fizeram germinar uma teologia e pastoral voltadas, sobretudo para a práxis libertadora, e as CEBs são frutos de tal pensamento. Nota-se aqui, novamente, uma realidade conflitante no seio da Igreja Católica – uma dicotomia ideológica entre CEBs e RCC.

Em parte, atribui-se à consolidação da conjuntura atual ao desprezo dispensado por muitos sacerdotes à RCC, o que demonstra que a igreja local não esta preparada para os desafios que o mundo globalizado está impondo. Essa fratura interna leva a crer, inclusive, que haverá dificuldades futuras de relacionamento da Igreja Católica com outros setores da sociedade.

Através da rápida e simples análise feita no decorrer do artigo, acerca de duas expressões da Igreja Católica, pôde-se, portanto, perceber hoje a realidade de uma grande pluralidade característica da pós-modernidade em que vive a realidade católica.

Os enfoques dados aqui sobre as CEBs e a RCC mostram que ambas, embora trilhando por caminhos diferentes e apresentando abordagens teológicas e políticas antagônicas, tentam, segundo suas leituras e concepções do secular e do eterno, expressar e vivenciar as mesmas atitudes emanadas da Santa Sé.

Contudo, cada um dos métodos diferentes de manutenção do espaço dos fiéis empregados pela religião católica configura-se como forma estratégica e política de gestão territorial, modificando dado alcance de poder constantemente e passam a desenvolver fragmentações e consolidações territoriais dentro da Igreja Católica, ocasionando o recrudescimento de denominações cristãs não-católicas – o que pode significar um enfraquecimento institucional da Igreja Católica em Rondônia, inclusive.

Referências bibliográficas

A PRIMEIRA ADVERTÊNCIA. Disponível em:
<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/papa_pontificado/reportagem_310179.html>.
Acesso em: 22 set. 2009.

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**: ensaios de eclesiologia militante. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

CENSO RELIGIOSO. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em: 15 jul. 2009.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Tradução: Zahar Editores. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **A geografia cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Vaticano. **Lumen Gentium**: Constituição dogmática sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 1990.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. São Paulo. **Documento 53**: Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica. São Paulo. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 1995.

CONCLUSÕES DA IV CONFERÊNCIA DE SANTO DOMINGO. Santo Domingo. **Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã**. São Paulo: Paulinas, 2006.

CORDEIRO, Valdecir Luiz (Org.). **Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2008.

CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.overbo.com.br>>. Acessado em: 17 set. 2009.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. **Evangelii Nuntiandi do Sumo Pontífice Paulo VI sobre a evangelização no mundo contemporâneo**. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

GALBRAITH, John Kenneth. **Anatomia do poder**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

MENGHI, Renato. **Aspirai aos Dons do Espírito**. Porto Velho: RCCBRASIL, 2009.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. CEBs, carismáticos católicos e transformação social. In: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 11-24.

PLANO DE AÇÃO ESTADUAL DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DE RONDÔNIA

POSSEDÔNIO, Raimundo. As CEBs: uma igreja com rosto amazônico. In: CORDEIRO, Valdecir Luiz (Org.). **Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2008.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 191-223.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Teologia da libertação: política ou profetismo**. São Paulo: Loyola, 1983.

SELL, Carlos Eduardo; BRÜSEKE, Franz Josef. **Mística e sociedade**. Itajaí: Univali; São Paulo: Paulinas, 2006.

SOUSA, Ronaldo José de. **Carisma e instituição: relações de poder na Renovação Carismática Católica do Brasil**. Aparecida: Santuário, 2005.

José Ricardo Teles Feitosa

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, graduado em Pedagogia e Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia.
Av: Poeta Augusto dos Anjos, 5096. Bairro Boa Esperança. Rolim de Moura - RO. CEP: 76 -940-000.
E-mail: feitosaric@gmail.com

Antenor Alves Silva

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Castelo Branco e graduado em Geografia pela Universidade Federal de Roraima. Atualmente é Agente Administrativo no Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).
BR-364, Km 1 [Rua da Beira], 5871, Lagoa, Porto Velho-RO.
CEP 76.812-317
E-mail: antenor@email.com

Recebido para publicação em novembro de 2013
Aprovado para publicação em fevereiro de 2014